

# CONSERVATÓRIO ACALENTA SONHOS QUE VÃO ALÉM DA MÚSICA

O Conservatório de Música de Aveiro de Calouste Gulbenkian foi criado por portaria do Ministério da Educação n.º 500/85, de 24 de Julho, com efeitos a partir de 1 de Outubro, como estabelecimento de ensino vocacional de música.

Era a oficialização, por reconversão, da escola existente — o Conservatório Regional Calouste Gulbenkian, estabelecimento particular, que completava exactamente 25 anos.

Por protocolo firmado entre a Fundação Gulbenkian e a Câmara Municipal era transferido para o município a posse do edifício, um imóvel amplo e funcional, moderno, cuja construção, hoje em dia, custaria algumas dezenas de milhares de contos.

Era, em simultâneo, a concretização de uma velha aspiração: a institucionalização de uma escola oficial de música, de nível médio, obviamente, e, simultaneamente, o reconhecimento de todo o trabalho pedagógico desenvolvido no último quartel pela anterior escola, por onde passaram nomes de vulto do actual panorama musical.

Com as habituais carências e dificuldades, o conservatório de música, como escola oficial, é hoje uma realidade a que uma comissão instaladora, constituída pelos professores Ezequiel Medo, Amaro Neves e Manuel Pimentel, mandatada por dois anos lectivos, tenta «dar pernas para andar».

A hora é de grandes mudanças, como refere o vice-presidente da Comissão Instaladora, Amaro Neves.

«A introdução do ensino integrado na música vai alterar profundamente o sistema de funcionamento da escola e, muito particularmente, a elaboração dos horários».

Este ano ainda não foi possível introduzir o sistema segundo o qual «os alunos frequentariam, nas aulas

preparatórias e secundárias, as aulas de formação geral e, no conservatório teriam a formação vocacional e específica, mas prevê-se que tal venha a acontecer no próximo ano lectivo se forem criadas as condições para a articulação com os referidos estabelecimentos de ensino».

Por outras palavras, o ensino integrado equivale a que «os alunos que optarem pelo ensino integrado não frequentarão, no ciclo preparatório as disciplinas de educação musical e as actividades de aplicação de educação física, tal como nos sétimo e oitavo anos, a disciplina de trabalhos manuais e, no nono ano, as das áreas vocacionadas».

«Em face da legislação actual, é o ensino articulado que menos perturbações causa à organização da vida escolar dos alunos — refere aquele responsável do conservatório.

A entrada em funções, apenas em Outubro, da Comissão Instaladora e a falta de resposta dos estabelecimentos preparatório e secundário, em tempo útil, tornaram impossível a introdução do novo sistema.

Assim, presentemente, está a ser ministrado no Conservatório de Música o ensino de canto e de diversos instrumentos: clarinete, flauta de bisel, flauta transversal, saxofone, trompete, piano, guitarra, violoncelo e violino.

Os planos de estudo do curso básico e do curso complementar incluem ainda uma série de disciplinas afins.

No ano lectivo em curso estão inscritos cerca de 330 alunos — 300 no curso geral e três dezenas no curso complementar.

Nesta fase transitória, são 18 os professores que ali exercem a sua actividade, alguns em regime de horário parcial, uns quantos já pertencentes à escola, outros recrutados apenas em Janeiro.

Agora que o problema do quadro do pessoal administrativo e auxiliar está resolvido, a preocupação reside no quadro de professores. Há dificuldade na sua contratação — refere Amaro Neves — ilustrando o caso da disciplina de canto, que está a ser ministrada por uma professora americana e o caso do ensino da guitarra leccionado por um professor com um horário de apenas sete horas semanais.

Em contrapartida, a escola conta, entre os seus professores, com nomes bem conhecidos como Cândido Lima, Fernando Jorge Assvedo, Arménio Alves Costa e outros, de reconhecida competência.

Quanto ao instrumental, «não temos quanto precisamos de ter», diz-nos Amaro Neves confiante na atribuição de dotações específicas para renovação de alguns instrumentos.

E, já que se fala em verbos, o vice-presidente da Comissão Instaladora considera que as transferências do Ministério da Educação são «o suficiente para não nos podermos queixar».

Razões de queixa, há-as, contudo, no que se refere às instalações que, não obstante serem modernas, amplas e funcionais, estão carecidas de algumas obras de reparação e de conservação.

É o caso do auditório, que «sempre sofre as consequências da infiltração de humidades, prejudiciais, por exemplo, à manutenção, ali, de um piano de cauda, como se exige».

A responsabilidade, neste particular, é da Câmara Municipal de Aveiro, «a quem foi dado o edifício para instalação da escola de música», prioritariamente, e, na parte sobranante, para aquilo que o município entender por bem».

Está, neste último caso, presentemente, a Associação de Arte e Cultura de Aveiro que ocupa as áreas dos «ateliers» de artes plás-

ticas e o espaço anteriormente utilizado pelo pré-primário.

Segundo Amaro Neves, tem havido um «bom entendimento» entre a escola e a associação.

Completando o quadro, nesta fase de transição, Amaro Neves defende, para o Conservatório de Música de Aveiro de Calouste Gulbenkian, a obrigatoriedade de um maior relacionamento com a comunidade em que se insere, nomeada-

mente, «colaborando, lá fora, com audições e concertos, participando nas festas da cidade, e da semana santa, dinamizando a actividade musical e sensibilizando as populações incutindo-lhes o gosto pela música».

«Para além do ensino da música — refere Amaro Neves, a concluir — temos outros sonhos (recitais, audições, concertos, cursos de Verão, etc...) que, infelizmente, não passam tanto pela Comissão Instaladora...».

Entretanto, 25 anos depois da sua criação, o Conservatório de Música de Aveiro de Calouste Gulbenkian, como agora é a sua designação oficial, atravessa uma fase importante de reconversão...

Dia	1
	2
	3
	4
	5
	6
	7
	8
	9
	10
	11
	12
	13
	14
	15
	16
	17
	18
	19
	20
	21
	22
	23
	24
	25
	26
	27
	28
	29
	30
	31

Ensino Artístico - Conservatório de Música

Aveiro

